



**KARL OVE
KNAUSGÅRD
NO OUTONO**

RELÓGIO D'ÁGUA

No Outono

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Copyright © 2015, Karl Ove Knausgård
All rights reserved

Título: No Outono
Título original: *Om høsten* (2015)
Autor: Karl Ove Knausgård
Ilustrações: Vanessa Baird
Tradução (do norueguês): Pedro Fernandes
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)
sobre ilustração de Vanessa Baird

© Relógio D'Água Editores, outubro de 2016

Esta tradução foi publicada com o apoio financeiro da NORLA.

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-631-7

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Europress, Lda.
Depósito Legal n.º: 416216/16

Karl Ove Knausgård

No Outono

Tradução de
Pedro Fernandes

Ilustrações de
Vanessa Baird

Carta a uma filha que vai nascer

28 DE AGOSTO. Agora, no momento em que escrevo isto, não sabes nada, nada do que te espera, do mundo a que vais chegar. E eu nada sei de ti. Vi uma imagem na ecografia, e pus uma mão sobre o ventre em que estás, é tudo. Faltam seis meses para nasceres e muito pode acontecer durante esse tempo, mas eu creio que a vida é forte e inexorável, e creio que tudo se vai passar bem contigo e que vais nascer perfeita, saudável e forte. Vir à luz, diz-se. Quando a tua irmã mais velha, a Vanja, nasceu, era de noite, a neve rodopiava na escuridão. Um momento antes de ela nascer, uma das parteiras puxou-me, tu vais recebê-la, disse ela, e foi o que fiz, um bebé deslizou para as minhas mãos, escorregadio como uma foca. Eu estava tão feliz, que até chorei. Quando a Heidi nasceu, um ano e meio mais tarde, era outono e o céu estava encoberto, o tempo estava frio e húmido como pode estar em outubro, ela chegou de manhã, o parto foi rápido, e quando a cabeça estava de fora, mas não o resto do corpo, ela emitiu um pequeno som com os lábios, foi um momento tão sereno. John, que é como se chama o teu irmão, nasceu numa cascata de água e sangue, o quarto não tinha janelas, como se fosse um *bunker*, era essa a sensação, e quando depois saí para telefonar aos vossos avós, surpreendeu-me a luz cá fora, e que a vida decorresse como se nada de especial se tivesse passado. Era a quinze de agosto de 2007, às cinco ou seis horas, em Malmo, para onde nos tínhamos mudado no verão anterior. Mais tarde, nessa noite, fomos de car-

ro para uma casa de repouso, e no dia seguinte fui buscar as tuas irmãs que se divertiram muito a colocar um lagarto verde de borracha na cabeça dele. Três anos e meio e quase dois, era a idade delas nessa altura. Tirei fotos, irás vê-las um dia.

Assim vieram eles à luz. Agora são grandes, agora habituaram-se ao mundo, e o estranho é que são tão diferentes, personalidades tão diversas e completas, e sempre o foram, desde o primeiro momento. Eu penso que vai acontecer o mesmo contigo, que já és aquela que vais querer ser.

Três irmãos, uma mãe e um pai, somos nós. É a tua família. Se menciono isto primeiro, é porque é o mais importante. Bem ou mal, quente ou frio, severo ou gentil, não importa, é o mais importante, são as relações através das quais vais ver o mundo, e que vão formar a tua opinião acerca de quase tudo, direta ou indiretamente, quer seja em oposição ou concordância.

De momento, agora, nestes dias, estamos bem. Hoje, enquanto as crianças estavam na escola, a tua mãe e eu fomos a Limhamn, e lá, num café, no calor deste final de verão — esteve hoje um dia fantástico, sol, céu azul, com uma leve sensação de outono no ar, com todas as cores como que profundas, mas ao mesmo tempo nítidas — discutimos como é que tu te irias chamar. Eu tinha proposto Anne, no caso de seres uma menina, e então a Linda disse que gostava muito do nome, que tem qualquer coisa de leve e luminoso em si que queríamos que estivesse associado a ti. Se fores um rapaz, vais chamar-te Eirik, propusemos nós. Então terás o mesmo som no nome que os outros três irmãos — j — porque quando se dizem os nomes em voz alta, todos o têm — Vanja, Heidi, John.¹

Estão a dormir agora, os quatro. Estou sentado no meu escritório, na realidade trata-se de uma pequena casa com dois quartos e um sótão, e olho por cima da relva para a casa onde eles estão, as janelas escuras seriam invisíveis se não fossem os candeeiros da rua do outro lado, e a luz deles enche a cozinha de um suave e fantasmagórico brilho. A casa na realidade são três casas a seguir umas às outras, ligadas entre si, formando uma. Duas delas são de

madeira pintada de vermelho, a outra é de pedra caiada. Noutros tempos, eram as famílias que trabalhavam numa das grandes quintas daqui que moravam nelas. Entre estas duas casas existe uma casa de hóspedes, a que chamamos casa de verão. Na parte interior da ferradura que constituem, está o jardim, que se estende talvez uns trinta metros até um muro branco. Há duas ameixoeiras, uma velha que tem um ramo que cresceu tanto e que se tornou tão pesado, que tem de ser sustentado por duas muletas, e uma nova, que plantei no verão passado, e que dá fruto pela primeira vez agora, além de uma pereira, também velha, bastante mais alta que a casa, e três macieiras. Uma das macieiras estava num estado lastimável, muitos dos ramos estavam mortos, parecia rígida e sem vida, mas pudei-a no começo do verão, nunca o tinha feito antes, e entusiasmei-me muito, cortei mais e mais sem ver como ficava, antes de finalmente, ao fim da tarde, descer e afastar-me uns passos para a observar. Aniquilada, foi a palavra que me veio à cabeça. Agora os ramos cresceram, cheios de folhas, e está carregada de maçãs. Foi a experiência que adquiri ao trabalhar no jardim, não há nenhuma razão para se ser cauteloso ou ter medo de alguma coisa, a vida é tão robusta, como que jorra em cascata, cega e verde, e por vezes mete medo, porque nós também vivemos, mas sob uma espécie de circunstâncias controladas, que nos fazem ter medo do que é cego, selvagem, caótico, que se ergue para o sol e que a maior parte das vezes é belo, mas de uma forma mais profunda do que a visual, pois a terra cheira a putrefação e negrume, pejada de escaravelhos velozes e convulsivas minhocas, os caules das flores são sumarentos, as corolas transbordam de aromas, e, como uma película, a presença do ar, frio e cortante, quente e húmido, cheio de raios de sol ou de chuva, cola-se à pele sensível. Atrás da casa principal está a rua, que desemboca uns cem metros adiante numa espécie de pequena zona semi-industrial abandonada, os edifícios têm telhados de zinco ondeados e as janelas estão partidas, motores e eixos ferrugentos jazem espalhados por ali, meio submersos na erva. No outro lado, atrás da casa onde estou sentado, existe um grande edifício de lavoura de tijolo vermelho, bonito e dominante no meio de toda a verde folhagem.

Vermelho e verde.

A ti não te diz nada, mas para mim há tanto nessas duas cores, uma espécie de voragem que nos atrai nelas, e eu penso que isto é uma das razões por que me tornei escritor, porque eu sinto essa voragem tão forte, e compreendo que é importante, mas não tenho palavras para a expressar, e por isso não sei o que é. Tentei, e capitulei. Os livros que publiquei são essa capitulação. Um dia poderás lê-los, e talvez possas entender o que quero dizer. O sangue que circula nas veias, a erva que cresce na terra, as árvores, oh as árvores que se agitam no vento.

Esta maravilha, que em breve irás encontrar e poder ver, é muito fácil de perder de vista, e existem tantas maneiras de o fazer como existem seres humanos. É por isso que escrevo este livro para ti. Quero mostrar-te o mundo tal como é, aqui mesmo à nossa volta, permanentemente. Só o fazendo posso eu mesmo captá-lo.

O que é que faz a vida ser digna de ser vivida?

Nenhuma criança faz esta pergunta. Para as crianças a vida é uma evidência. A vida fala por si própria: se é boa ou má, não tem nenhuma importância. É assim porque elas não veem o mundo, não avaliam o mundo, não refletem sobre o mundo, mas estão tão profundamente no mundo, que não fazem a separação entre ele e elas próprias. É só quando isso acontece, quando surge uma distância entre aquilo que elas são e o que o mundo é, que a questão se põe: o que é que faz a vida ser digna de ser vivida?

É a sensação de pressionar o puxador para baixo e abrir a porta, sentir se abre para dentro ou para fora nas dobradiças, sempre leve e fácil, e entrar noutra quarto?

Sim, a porta abre como uma asa, e apenas isso já faz a vida ser digna de ser vivida.

Se uma pessoa já viveu muitos anos, a porta é uma evidência. A casa é uma evidência, o jardim é uma evidência, o céu e o mar são evidências, a própria lua, que se suspende sobre os telhados e os ilumina de noite, é uma evidência.

O mundo fala por si próprio, mas não o escutamos, e como já não estamos profundamente nele e o sentimos como uma parte de

nós mesmos, é como se ele desaparecesse. Abrimos a porta, mas nada significa, não é nada, é apenas uma coisa que fazemos para passar de um quarto para outro.

Quero mostrar-te o nosso mundo, tal como ele é agora: a porta, o chão, a torneira e a pia, a cadeira de jardim junto à parede, debaixo da janela da cozinha, o sol, a água, as árvores. Tu irás vê-lo da tua própria maneira, virás a ter as tuas próprias experiências, e a viver a tua própria vida, portanto é evidente que acima de tudo é por minha causa que o faço: mostrar-te o mundo, faz a minha vida digna de ser vivida.

Ambulâncias

Na escuridão do planalto a luz azul da ambulância pode avistar-se a muitos quilómetros de distância. Ela é diferente de todas as outras luzes na zona, das amarelas das casas e das vermelhas que piscam no cimo dos moinhos eólicos e dos postes de telefone. A luz da ambulância parece-se com uma descarga eléctrica e move-se depressa. Avista-se ao longe, desaparece durante uns segundos, e quando reaparece, já está muito mais próxima. Quando a escuridão é muito densa, imagino que deve ser como no interior de um cérebro, que as luzes imóveis das quintas provêm de um aglomerado de células que comandam as funções básicas, como a respiração e o metabolismo, ao passo que a luz azul que se aproxima a grande velocidade é uma súbita ideia, um pensamento terrível ou um sonho. A descarga eléctrica propaga-se de célula em célula, está cada vez mais próxima, e eu chego-me para o lado na estrada escura, porque a ambulância agora está só a umas centenas de metros de distância. Vem depressa e com a sirene apagada, e é como se isso aumentasse o desconforto, porque a força da luz parece aumentada pelo silêncio. Sem um ruído passa na escuridão, e desaparece. De dia tudo é diferente, não só porque a luz do dia enfraquece a luz azul, mas também porque as redondezas, os largos campos com os seus arvoredos e casas de lavoura, a suave inclinação para as falésias perto do mar e o mar em baixo como que se ligam à ambulância, o branco-metálico contra o verde e o cinzento, e lhe dão uma explicação: alguém se

feriu ou adoeceu, tem de ir para o hospital. Também de dia algo de desagradável se pode ligar à ambulância que não tem que ver com o que se passa no interior dela, mas com o que ela provoca. O modo como cada carro se tem de afastar para o lado e parar quando ela aparece atrás deles. É como uma divisão das águas, e quando a ambulância passa depressa através da passagem aberta, agora com a sirene além da luz azul, é como se o tempo por um momento se detivesse, e tudo o que não seja este movimento estivesse parado e na realidade não existisse, até o momento passar, os carros retomarem lentamente a sua marcha e tudo no decorrer de alguns segundos voltar ao normal, como se nada se tivesse passado. Dentro da ambulância o tempo é outro. A pessoa que vai lá dentro deitada, amarrada à cama, não repara na velocidade, não repara nos outros carros, mas está imersa no seu próprio tempo, tempo de vida e que está em vias de terminar. A atividade febril que rodeia esta pessoa, com a confusão de fios, tubos, instrumentos, máscaras e seringas, também ela não a nota. Neste tempo real não há minutos ou segundos, não há meses ou anos. Neste tempo somos como árvores, escuras e estáticas, numa frequência tão baixa de tempo, que nenhuns movimentos são apercebidos, a não ser os maiores, como a mudança das estações, e mesmo esses apenas vagamente. Assim vão os moribundos pelas estradas a alta velocidade na ambulância, lentamente como crescem as árvores.